

## **Implicações do desemprego de longa duração**

Além de uma atualização do cenário econômico e das projeções para PIB e inflação, o Relatório Trimestral de Inflação (RTI) traz um boxe que analisa algumas implicações da desocupação de longa duração no Brasil.

## **Atividade industrial gaúcha cresceu pelo segundo mês seguido**

É crucial a aprovação de reformas para que a recuperação retorne e ganhe sustentação.

**FEDERAÇÃO DAS INDÚSTRIAS DO RIO GRANDE DO SUL**

Av. Assis Brasil, 8787 Fone: (051) 3347.8731 Fax: (051) 3347.8795

**UNIDADE DE ESTUDOS ECONÔMICOS**

[www.fiergs.org.br/economia](http://www.fiergs.org.br/economia)

As opiniões emitidas nesta publicação são de exclusiva e inteira responsabilidade dos autores, não exprimindo, necessariamente, o ponto de vista desta Federação. É permitida a reprodução deste texto e dos dados contidos, desde que citada a fonte. Reproduções para fins comerciais são proibidas.

## Implicações do desemprego de longa duração

Além de uma atualização do cenário econômico e das projeções para PIB e inflação, o Relatório Trimestral de Inflação (RTI) traz um boxe que analisa algumas implicações da desocupação de longa duração no Brasil.

Recentemente, o Banco Central divulgou o Relatório Trimestral de Inflação (RTI) referente ao segundo trimestre de 2019. Em linhas gerais, o documento reforçou a comunicação recente da autoridade monetária quanto ao cenário benigno para a inflação e o desempenho aquém do esperado da atividade.

As projeções de inflação indicam IPCA fechando o ano em 3,6% em 2019 e entre 3,7% e 3,9% em 2020, a depender do cenário de câmbio e juros considerado. Em todos os cenários, as projeções para o IPCA estão abaixo ou muito próximas do centro das metas de 4,25% para 2019 e de 4,0% para 2020. Quanto ao PIB, a expectativa para o crescimento de 2019 foi reduzida para 0,8% ante 2,0% no RTI do primeiro trimestre. Três fatores sustentaram a revisão da autoridade monetária: 1) a surpresa negativa com o desempenho da economia no primeiro trimestre; 2) a moderação no ritmo de atividade apontada por indicadores recentes; e 3) o recuo dos indicadores de confiança de empresas e consumidores.

Além de uma atualização do cenário econômico e das projeções para PIB e inflação, o RTI traz um boxe que analisa algumas implicações da desocupação de longa duração no Brasil, uma herança deixada pela crise. Utilizando os dados da PNAD Contínua, do IBGE, o estudo buscou verificar o que ocorre com o mesmo grupo de indivíduos no mercado de trabalho no decorrer do tempo. Para tanto, os desocupados foram separados em três categorias: desocupados de curta duração são os desocupados há menos de 1 ano; desocupados de média duração, de 1 a 2 anos; e desocupados de longa duração, há mais de 2 anos. Nos últimos quatro anos, a parcela de desocupados de longa duração vem crescendo em ritmo preocupante, passando de 17,4% no primeiro trimestre de 2015 para 24,8% no mesmo período de 2019, o que representa 3,3 milhões de pessoas nessa condição.

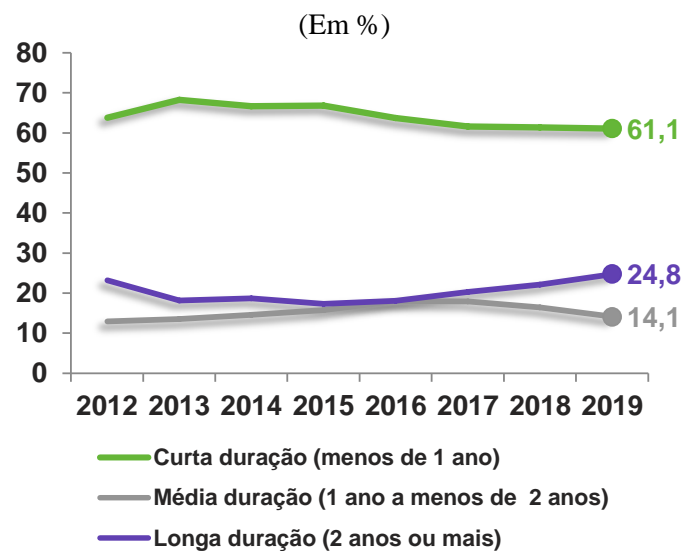
O estudo também apontou que um maior tempo fora da ocupação tende a dificultar a recolocação e a reduzir o rendimento auferido quando o indivíduo voltar ao mercado de trabalho. A taxa de transição para a ocupação, calculada como o percentual da população de cada grupo que migrou para a ocupação de um trimestre para o outro, diminui conforme aumenta a duração do desemprego. Considerando-se a média observada entre o primeiro trimestre de 2012 e o primeiro trimestre de 2019, a taxa de transição passa de 36,7% entre os desocupados de curta duração para 20,4% entre os de longa duração. Em termos simples, isso representa que a cada 100 pessoas que no início do trimestre estão desempregadas a menos de 1 ano (desocupação de curta duração), cerca de 36 chegam ao final do trimestre empregadas. Caso essas mesmas 100 pessoas

estivessem desempregadas a mais de 2 anos (desocupação de longa duração), apenas 20 conseguiriam um emprego até o término do trimestre. Ademais, no caso de sucesso na obtenção de uma colocação, os salários são menores para os desocupados há mais tempo: em média, os rendimentos de entrada dos desocupados de média e longa duração foram, respectivamente, 7,4% e 13,6% mais baixos que os dos desocupados de curta duração.

Além da probabilidade de recolocação e dos rendimentos de entrada, o tempo de desemprego influencia também na categoria de ocupação e o setor econômico de destino das pessoas no retorno à atividade. Os resultados apontaram que os desocupados de curta duração têm maior chance de se tornarem empregados com ou sem carteira, ao passo que os desocupados de longo prazo ingressam proporcionalmente mais nas categorias de trabalhador por conta própria ou doméstico. Por ramos de atividade, à medida que aumenta a duração em que o indivíduo ficou desocupado, maior a chance de seu retorno à atividade ocorrer nos segmentos de comércio, serviços, administração pública ou serviços domésticos, e menor na indústria ou na construção civil.

Por fim, os autores investigaram se a duração da desocupação exerce alguma influência sobre o comportamento da inflação. Cabe mencionar que, para essa análise, os desocupados de longa duração foram agrupados com os de média. As estimativas apontaram que a desocupação de curta duração (menos de 1 ano) tem maior relevância para a dinâmica da inflação em relação à desocupação de longa duração (mais de 1 ano). Os resultados estão em conformidade com os encontrados para os países da OCDE e para os EUA.

### Distribuição dos desocupados por tempo de procura – 1º trimestre – Brasil



Fonte: IBGE/PNAD Contínua.

## Atividade industrial gaúcha cresceu pelo segundo mês seguido

É crucial a aprovação de reformas para que a recuperação retorne e ganhe sustentação.

Segundo os Indicadores Industriais do RS para maio, divulgados pela FIERGS, o Índice de Desempenho Industrial (IDI/RS) cresceu pelo segundo mês seguido: 1,5% em maio e 2,3% em abril, com ajuste sazonal.

Entre os componentes, o avanço do IDI/RS em junho foi determinado pelas compras industriais (+11,6%). Os resultados, porém, foram distintos, com altas na utilização da capacidade instalada-UCI (+1,4 p.p. e grau médio de 83,1%) e na massa salarial (+0,8%), queda no faturamento real (-3,5%) e estabilidade nas horas trabalhadas na produção e no emprego ante maio.

Relativamente ao mesmo mês do ano anterior, o IDI/RS registrou a maior alta desde março de 2010: +13,0% ante maio de 2018, com avanços expressivos do faturamento real (+32,9%) e das compras industriais (+36,8%). Além da base de comparação deprimida - por causa da crise dos caminhoneiros -, em maio de 2019 teve um dia útil a mais do que o de 2018. Com isso, o IDI/RS acelerou o crescimento no acumulado do ano, de +1,9% em abril, para +4,0% em maio, a maior taxa do ano, na comparação com os mesmos períodos de 2018.

Dentre os integrantes do IDI/RS, apenas a massa salarial real caiu (-1,9%) no acumulado de janeiro a maio de 2019. As maiores altas foram do faturamento real (+10,9%) e das compras industriais (+8,5%), com influência positiva ainda da UCI (+1,7 p.p.), das horas trabalhadas na produção (+0,9%) e do emprego (+0,5%).

Com a forte expansão entre os meses de maio de 2019 e 2018, cresceu o número de setores registrando alta da atividade no acumulado do ano: de oito em abril, para onze em maio (entre os dezessete pesquisados). Mas, apenas três cresceram acima da média geral (+4,0%): Veículos automotores (+19,8%), Tabaco (+17,4%) e Madeira (+16,3%). Os dois primeiros fornecem os maiores contribuições para o crescimento no ano, seguidos por Máquinas e equipamentos (+3,4%). Já os principais impactos negativos vieram de Alimentos (-1,0%), Têxteis (-5,8%) e Vestuário e acessórios (-8,3%).

Os Indicadores Industriais do RS em maio não alteraram o quadro de estabilização observado atualmente. Além da volatilidade, parte dos números de maio está inflada pela paralisação dos caminhoneiros em 2018. Em junho, os efeitos, inclusive de calendário (dois dias úteis a menos em 2019), serão contrários.

Com a demanda fraca, a indústria tem dificuldade de retomar o ciclo de retomada perdido na segunda metade de 2018. Os juros e a inflação abrem espaço para a reação, mas em ritmo lento dado o desemprego elevado, a crise fiscal, a incerteza política e a crise argentina.

Nesse cenário, a evolução atual da indústria deve continuar nos próximos meses: estabilizada na margem (com muita oscilação), mas em nível suficiente para avançar no ano. No médio e longo prazo, é crucial a aprovação de reformas para que o ciclo de recuperação retorne e ganhe sustentação.

### Indicadores Industriais do Rio Grande do Sul

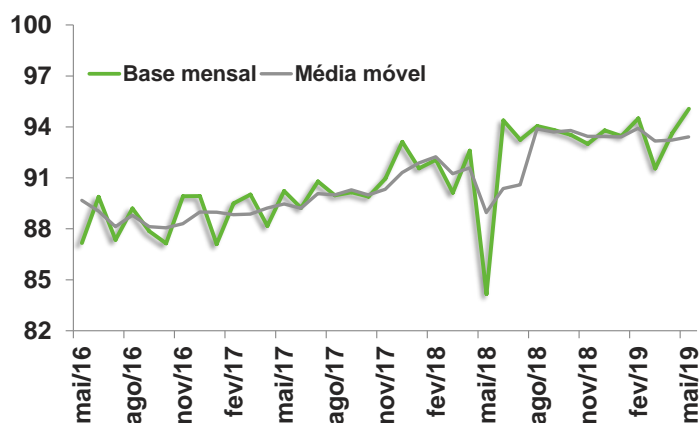
(Variações em % – maio de 2019)

	Variação %		
	Mês*	Mês ano anterior	Ac. ano
Índice de desempenho industrial	1,5	13,0	4,0
Faturamento real	-3,5	32,9	10,9
Horas Trabalhadas na produção	0,0	2,3	0,9
Emprego	0,0	0,2	0,5
Massa salarial real	0,8	-0,5	-1,9
UCI (em p.p.)	1,4	4,0	1,7
Compras Industriais	11,6	36,8	8,5

\* Dessazonalizado

### Índice de Desempenho Industrial (IDI/RS)

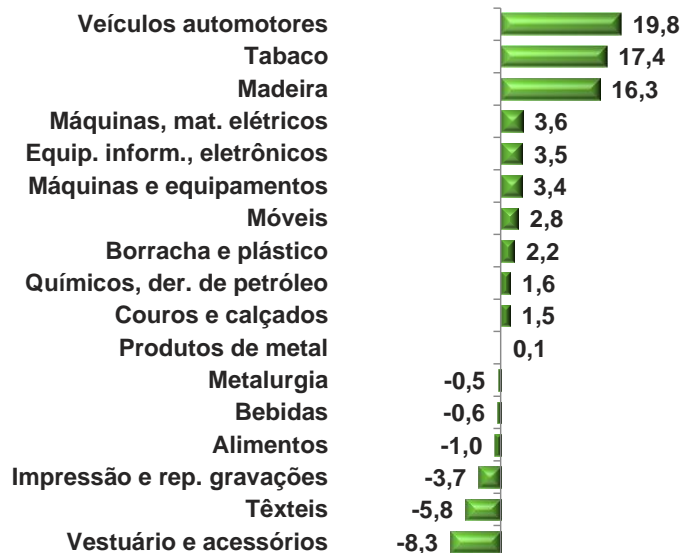
(Índice base fixa mensal:2006=100 e Média móvel trimestral)



Série dessazonalizada

### Índice de Desempenho Industrial – IDI/RS – Setorial

(Variação janeiro-maio 2019/18 – %)



Fonte: UEE/FIERGS.